

Tradução interlinguística do Poema “Presença” e as interfaces com processos metafóricos e sociolinguísticos: uma homenagem ao Professor Álvaro Luiz Teixeira de Araújo

Silvia Helena Benchimol de BARROS¹
Raimunda Benedita Cristina CALDAS²

Resumo: Este artigo faz uma incursão no espaço poético do poema “Presença”, do Professor Álvaro Araújo com o propósito de discutir questões de tradução, bem como ampliar análises que referendem o fazer tradutório quando em sua tradução para o inglês. A prática tradutória aqui analisada tem como base a conversão interlinguística envolvendo múltiplos movimentos de domesticação, manipulação e recriação. Representa uma homenagem ao Professor Álvaro Araújo, cujo trabalho possibilitou um alcance no campo da tradução interlinguística, haja vista a captação e percepção reflexiva presentes no uso de expressões metafóricas e nos aspectos sociolinguísticos depreendidos nos termos e na figuração permeada no poema Presença.

Palavras-chave: Tradução interlinguística; Processos metafóricos e sociolinguísticos; Fluxo poético.

Introdução

A reflexão acerca das diversas implicações no fazer da tradução, além de suscitar questões tão amplamente marcadas pelo espaço da releitura, otimiza aspectos interculturais, os quais pairam sobre o olhar do pesquisador frente as questões da linguagem. A respeito dessa multiface de possibilidades de leitura apropriamo-nos do arcabouço do poema “Presença”, do Professor Álvaro Araújo para enveredar sobre temas relacionados a campos estéticos dos quais resultam as formas artísticas inerentes ao gênero, bem como a semânticos dos quais advém léxicos, metáforas, representações, equivalências e demais usos pragmáticos e epilinguísticos.

A atividade tradutória é indiscutivelmente um processo no qual os mecanismos interpretativos e reflexivos acompanham, passo a passo, a trajetória de transposição entrelínguas. No âmbito da poesia, essa característica se reveste de maior importância, justificada por mobilizar, além das competências linguísticas, as extralinguísticas de forma fulcral e combativa à tradução logocêntrica. Referimo-nos, com destaque, aos aspectos suprassemânticos, que envolvem métricas, sonoridade, ritmo – componentes estéticos que se

¹ Doutora em Tradução e Terminologia (UA/UNIL – PT); Professora efetiva da Universidade Federal do Pará – Faculdade de Língua estrangeira – FALEST (orientadora). Capanema-PA. silviabenchimol@hotmail.com

² Doutora em Linguística (UnB). Professora da Universidade Federal do Pará – Campus Bragança. rriscaldas@gmail.com

imbricam na produção do produto artístico – e aos aspectos simbólicos que se manifestam no texto poético, instigando memórias, sentimentos.

O poema “Presença” resulta de uma construção poética posterior à conclusão de uma entrevista com as lideranças Rerinho Ka’apór e Osmar Ka’apór, da etnia ka’apór, que habita a Terra Indígena Alto Turiaçu. A pesquisa ocorreu no ano de 2010 na aldeia Xié Pyhun Rendá. O espaço para a realização da entrevista, em uma área de mata mais próxima da entrada da aldeia, oferecia um cenário bastante telúrico para o grupo de pesquisadores³ que acompanhava um momento solicitado pelas lideranças indígenas Rerinho e Osmar para que fosse registrado “um pedido de ajuda” a fim de divulgar a situação de angústia vivida por esses indígenas frente às invasões das terras onde habitavam. O contato realizado por este grupo de pesquisadores é marcado por diálogos, por chamados, por lamentos. Estes materializam-se, no corpus deste texto, por meio do poema “Presença” de autoria do Professor Álvaro Araújo, que habilmente maneja a linguagem e seu potencial simbólico para a expressão do angustiante cenário.

Simultaneamente, seu território foi demarcado. É uma fração da área que dominavam, mas lhes dá alguma segurança no cipoal de leis no mundo dos brancos. Vivem cercados por fazendas com gado e com gente que eles ainda olham com suspeita, querendo aproximar-se, e que os vêem com desconfiança... (Ribeiro, 1996, p.12)

O Contexto da Entrada à Aldeia Xié Pyhun Rendá: uma incursão no tempo e no espaço

A composição do grupo de pesquisa para a entrada na aldeia teve motivação de ordem de revisitação no espaço para apresentar a cópia da tese de doutorado da Professora Raimunda Benedita Cristina Caldas: “Uma Proposta de Dicionário para a Língua Ka’apór”, defendida em 2009, além disso a ida a campo era uma oportunidade às orientandas de TCC do curso de Letras do Campus de Bragança conhecer a etnia, mesmo em uma breve viagem. As alunas Nívea e Tânia escreviam na época a monografia de conclusão de curso intitulada: “O Português Falado pelos Índios Ka’apór: traços de interferência e criação lexical”. Incorporaram-se ao grupo: o Professor Álvaro Araújo, cujo interesse em conhecer o contexto da aldeia advinha de sua memória de infância, quando via os ka’apór que frequentavam a delegacia de Bragança em busca de artefatos como facões, machados, entre outros artigos que eram doados

³ O grupo de pesquisadores que acompanhava a Professora Raimunda Benedita Cristina Caldas, era formado pelo Professor Álvaro Luiz Teixeira de Araújo, do Curso de Letras-Língua Portuguesa do Campus de Bragança, as orientandas de TCC do curso de Letras-Língua Portuguesa: Nívea do Socorro Silva Farias e Tânia Gabrielle Lima de Freitas (2010) e Sandreson Marcelo Pereira da Silva (2009) do curso de Letras-Língua Inglesa.

aos indígenas para sua atividade agrícola, além disso, o Professor Álvaro foi orientador de monografias de conclusão de curso que tratavam de variedades linguísticas, empréstimos, e naquele mesmo ano, havíamos discutido questões atinentes à realidade linguística dos indígenas, inclusive sobre o trabalho de conclusão das alunas que integraram esse grupo, bem como sobre empréstimos do português no uso de outras línguas faladas no Brasil. Também fez parte do grupo, o aluno Sandreson Marcelo, do curso de Letras-Inglês, cujo conhecimento em multimídia nos daria uma ampla cobertura da pesquisa viabilizando registros em suportes audiovisuais, o que de fato se concretizou em um curta metragem. Mediante a expressão do desejo do professor Álvaro em participar do grupo nessa viagem, foram realizados os preparativos, que incluíam entre providências práticas e logísticas de deslocamento, o protocolo das autorizações para os demais alunos que compunham o grupo.

Durante o planejamento da viagem, o Professor Álvaro fez leituras sobre a etnia, em pesquisa exploratória que lhe proveria de um histórico útil ao contato e, nesse movimento de aproximação, adquiriu um exemplar da obra de Darcy Ribeiro. Em alguns encontros prévios à partida, foram tratadas as atividades a serem desenvolvidas na aldeia e possibilidades de conferir dados da língua ka'apór – uma referência aos interesses acadêmicos no âmbito linguístico que motivavam o deslocamento do grupo - assim como foram discutidas eventuais tarefas ou demandas da pesquisa de campo.

Desde a chegada à aldeia, o Professor Álvaro participou ativamente das discussões a respeito das diferentes formas de uso da língua, em uma ambiência propiciada pelo indígena Rerinho Ka'apór, que fez questão de acompanhar a equipe de pesquisadores do Campus de Bragança, da Universidade Federal do Pará, desde seu acesso ao alojamento. Nesse espaço, foi realizada uma atividade escolar com as crianças ka'apór, que consistia no reconhecimento e apresentação dos pesquisadores nas casas da aldeia até o momento culminante – a entrevista com as lideranças Rerinho e Osmar Ka'apór – ápice desse contato. Durante a circulação pela aldeia, foi emocionante a recepção dos ka'apór quando da apresentação do livro de Darcy Ribeiro: *Diários Índios*, especialmente por parte dos adultos que reconheciam seus parentes ilustrados no livro quando ainda bem jovens, bem como de outros já falecidos. Desse modo, o gesto do professor Álvaro de doar esse exemplar a Rerinho suscitou grande comoção – uma rica oportunidade de eles recordarem sobre a história e trajetória do povo ka'apór levados por suas memórias e pelas páginas da obra.

O Poeta e o Poema

O teor da entrevista abarcou as razões pelas quais não era possível fazer um estudo sobre a língua ka'apór. Havia naquele momento um rito que já era usual com os indígenas da etnia ka'apór que consistia em posicionar-se em círculos de conversa para debater assuntos do grupo ou mesmo para que os *karai* 'não indígenas' se apresentem aos ka'apór. Em uma descrição mais objetiva, esse seria o espaço do discurso, dos questionamentos e demandas que nos era disponibilizado para compartilhamento. A roda de conversa era o lugar da fala que se fazia necessária para que o grupo de pesquisadores entendesse o modo como lhes seria possível lidar com questões de cunho sociológico e, não sem razão, conduziam o grupo a seguir e observar o espaço. Este procedimento era necessário para uma representação mais próxima da realidade das pessoas que vivem pela mata: os *ka'apór* (ka'a = mata + por = pelo).

O poeta professor Álvaro Araújo, assim que chegou à aldeia, foi nomeado por Rerinho como *Tamüi Akang Tuwyr* (velho da cabeça branca) e carinhosamente apresentado à comunidade. Com confiança e deferimento, as duas lideranças ka'apór nos proporcionaram um momento de reflexão e compartilhamento de visões sobre aquele povo. Assim, o poeta Álvaro Araújo, nascido em Bragança-Pará, professor de Língua Portuguesa do Curso de Letras do Campus de Bragança, da Universidade Federal do Pará e entusiasta do trabalho de equipe com assuntos linguísticos, resvalava entre olhares, perguntas e observações acerca do reconhecimento daqueles indígenas e daquela narrativa que vinha ao encontro de sua veia poética.

É válido ressaltar que a forma com a qual os *ka'apór* se relacionam com seu entorno é indissociável de sua própria constituição como seres humanos, humanizados pela natureza que os cerca. Neste ambiente de imersão, a equipe de pesquisadores se esforça por se aproximar, comunicar, por meio do entendimento daquela cosmovisão.

Imagem 1: Professor Álvaro Araújo, Osmar Ka'apór e Rerinho Ka'apór



Fonte: acervo da pesquisa. Foto: Sandreson Marcelo.

O poema Presença (Álvaro Araújo)

O presente trabalho nos move para o ambiente poético de “Presença”, do mesmo modo que nos motiva compartilhar a inspiração *sui generis* e acompanhar os sentimentos de representação que se estiraçam pelas linhas repletas de metáforas. A composição do poema em versos livres traz uma representação que se desenvolve como performance de trajetória pela natureza. Traz o poema, alguns elementos lexicais de descrição física dos ka'apór a partir da imagem de Rerinho e Osmar: “olhos espichados”, poderiam apenas referir ao aspecto físico dos olhos daqueles indígenas, pequenos e repuxados, entretanto a polissemia da palavra e os mistérios envolvidos nas escolhas lexicais, que o texto poético propositalmente apresenta, nos autoriza pensar outras possibilidades semânticas - olhos que se projetam curiosamente, se esticam em busca da percepção de algo físico ou metafísico. O poema alude a “sombras remotas”, as longínquas memórias dos que viveram lá atrás por gerações e gerações. As “sombras” remetem ainda aos sombrios sentimentos de expropriação, invisibilidade e abandono. Há no poema uma harmonização entre os elementos da natureza utilizados nas práticas da comunidade como artefatos, arcos, caniços, com o fundo sinestésico da cor vermelha – a expressão do coração e da

ardência da pimenta: *ky'in*, que fora mantida no poema na língua ka'apór. A letra “K” maiúscula diz respeito à nomeação dada ao membro Sandreson de nossa comitiva por Rerinho Ka'apór: *Ky'in* ‘pimenta’, haja vista a sua tez avermelhada semelhante a cor da pimenta e a associação ao paladar apimentado confere o teor sinestésico nessa nomeação. Assim, mais adiante, o coração e a pimenta são igualmente rubros, havendo no ardor da pimenta a metafórica sensação do ardor no coração, pois parte do discurso do Rerinho fazia referência à dor que sentia, posto que com gesto colocava a mão sobre o peito.

PRESENÇA (26.09.10)

Olhos **espichados**

se alongando

em sombras remotas

do pétreo milenar **passado**,

se estirando em folhas e galhos

e voares de gavião.

Arcos retesos,

caniços relampejam

no ar, em pontas de **veneno**

e plumas variadas:

o ardor *Ky'in*

no coração

- igualmente rubro:

riscos de memórias

- ou lapsos de tempo? –

Olhos remotos

espiam por entre folhas

e troncos

e passados:

o presente, em plumas,

está.

[Araújo, A. (2010). *Grifos de Caldas, C. e Benchimol-Barros, S.H.*]

Várias formas de traduzir a realidade foram exploradas como objetivo de registrar o momento da visita, entre elas, a produção fílmica. O espaço da cena para filmagem pela comitiva de pesquisadores e com o trabalho técnico desenvolvido por nosso *Ky'in* acompanha a visão dos indígenas em “olhos que se alongam no tempo pétreo” de um passado milenar e se estiram em folhas e galhos e movimentos metaforizados em voares de gavião. Acresce à presente cena o momento da entrevista no espaço de mata em que Rerinho faz uma breve representação em um percurso como se estivesse se escondendo por entre folhas e galhos para que fosse retirada uma fotografia – homem e mata – uma comunhão.

Imagem 2: Rerinho Ka'apór representando o esconder-se por entre a mata.



Fonte: acervo da pesquisa. Foto Sandreson Marcelo.

Outro mecanismo de visibilidade e registro linguístico é a tradução do poema para a língua inglesa. O objetivo é o de ampliar a recepção, o alcance desse lamento que por mais de uma década é ainda atual.

“Presences”: múltiplos mecanismos no fluxo poético

Que a tradução de um poema para outra língua impõe ao tradutor grandes desafios é fato indiscutível. Os de trabalhos Costa e Guerini (2006), Cândido (2006), Faleiros (2015) e Campos (2015) são algumas referências relevantes que abordam tais impasses. Aspectos como colocação (*collocation*), rima, som, simbolismos de arraigamento cultural e ideológico, a transcrição *per se*, que compõem o processo tradutório deste gênero são abordados pelos autores. A tradução do poema Presenças⁴ é trazido neste trabalho para reflexões, ilações epilinguísticas, atinentes à natureza do tema e aos processos de conversão e domesticação considerando-se o gênero poesia. Abaixo, comentamos o poema traduzido e algumas soluções tradutórias.

PRESENCE
Taut glances
stretching
*through remote **shadows***
of the petrous millenary past,
sprawling through leaves
and branches
and hawk glides.
*armed **bows,***
reeds flash
*in the air, in poison **arrows***
and assorted feathers:
the Ky'in burning
in the heart
- just as ruddy:
*memory **scratches***
*- or time **lapses?***
lost eyes
*peek through the **leaves***
and trunks

⁴ A tradução foi realizada por Benchimol-Barros (2023), sendo esta a sua primeira publicação em língua inglesa. Revista A Palavrada (ISSN 2358-0526), 24, jul-dez, p. 133-143, 2023 - 2ª edição

*and past:
the present,
in feathers,
lives*

[Araújo, A. (2010). Tradução e grifos de Benchimol-Barros. S.H. (2023)]

No intuito de preservar o máximo da letra da obra, buscou-se realizar uma domesticação moderada do texto fonte. Os movimentos tradutórios envolveram a pesquisa de itens lexicais na língua inglesa, que se aproximassem do sentido (ou sentidos) apreendidos na leitura da tradutora (com predominância semântica sobre a forma) e que mantivessem os encontros sonoros das palavras. Estas soluções estão propositalmente negritadas na tradução para melhor referência (e no texto fonte para efeito comparativo).

Os jogos fonéticos com *shadows*, *bows*, *arrows* nas primeiras linhas do poema traduzem *sombras*, *arcos e caniços*; assim como “*scratches*” and “*lapses*” traduzem “*riscos*” e “*lapsos*”. Observe-se que os sentidos das palavras do texto em língua portuguesa mantêm-se no texto do poema traduzido, embora não rimem no texto fonte, essa marca aparece no texto meta por ação da pesquisa tradutória. A rima é então deslocada, na tradução, para outros pontos do poema.

A característica sintática de inversão adjetivo-substantivo da língua inglesa, foi usada como recurso para favorecimento da rima: “sombras remotas” – “*remote shadows*”

Os versos “caniços relampejam” // no ar, em pontas de veneno foi reformulado em sua ordem de palavras para “*armed bows*” // “*in poison arrows*”. O significante “*arrows*” [flecha] não existe no texto original, onde a representação da haste é o caniço, entretanto, o caniço pontiagudo atua como flecha e “*arrows*” é um elemento fonético que favorece a rima do verso. Ocorre, desta forma, na tradução uma reorganização das rimas, justificadas pela estética e pela preservação da sonoridade poética e dos sentidos.

Os versos “o presente, em plumas, está” apresenta uma manipulação domesticadora na tradução, na qual o verbo “está” é substituído pelo verbo “*lives*” [viver]. Esta solução, analogamente, atende à rima e ao sentido, de forma domesticadora e desviante do padrão logocêntrico.

A palavra *Ky'in* seguiu a opção de estrangeirização adotada no texto fonte pelo poeta, mantendo-se na língua ka'apór no poema traduzido e o sentido do substantivo “ardor” foi

traduzido pelo verbo “burning” [queimando]. O uso múltiplo do sufixo “ing” na língua inglesa, atribui à formação do verso traduzido, as possibilidades de leitura: [a pimenta (*Ky'in*) queimando no coração] e/ou [a queimação/ardor da pimenta (*Ky'in*) no coração].

Considerações

A tradução em seu percalço compõe uma gama de processos que extrapolam os campos linguísticos para nos situar nas diversas possibilidades de leitura e de sensações das quais emergem conhecimentos de mundo, de interpretação e de conceitualizações. Adentrar na tradução de um poema confere uma gama de situações envolvidas no fazer poético e no modo de representações espalhadas em cada forma – uma reescrita poética – que envolve a ação de domesticação, de buscas por correspondentes culturalmente compatíveis com o gênero e contexto de produção – para um alcance que transporta pelo tempo e espaço. Assim, situamo-nos nessa seara, na qual uma situação de conversa, de exposição de uma realidade do povo ka'apór fomentou uma visão significativamente socioantropológica mediada na poesia.

“Presença” nos foi um presente dado pelo Professor Álvaro Araújo e todos nós somos muito gratos e nos sentimos prestigiados por ter compartilhado momentos de confraternização que de modo uníssono o poeta e o professor nos propiciou. Obrigada, poeta!

Referências

- CAMPOS, Haroldo. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora. In: CAMPOS, Haroldo. **Transcrição**. Organização Marcelo Tapia, Thelma Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CÂNDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5ed.-São Paulo. Associação Editorial Humanitas, 2006.
- COSTA, Walter Carlos; GUERINI, Andréia. **Colocação e qualidade na poesia traduzida**. Tradução em Revista, v. 3, p. 1-15, 2006.
- FALEIROS, Á. **Tradução & poesia**. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. Tradução & perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 263-275. ISBN 978-85-68334-61-4. Available from SciELO Books.
- RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios: os Urubus-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Interlinguistic translation of the Poem “Presença” and the interfaces with metaphorical and sociolinguistic processes: a tribute to Professor Álvaro Luiz Teixeira de Araújo

Abstract: This article conceives an incursion into the poetic space of the poem “*Presença*”, by Professor Álvaro Araújo with the purpose of discussing translation issues, as well as expanding analyzes that support the translation work of the verses into English. The translation practice analyzed here is based on the interlinguistic conversion involving multiple movements of domestication, manipulation and recreation. It represents a tribute to Professor Álvaro Araújo, whose work made possible an immersion in the field of interlinguistic translation, given the capture and reflective perception present in the use of metaphorical expressions and in the sociolinguistic aspects inferred in the terms and figures materialized in the poem Presences.

Keywords: interlingual translation; metaphorical and sociolinguistic processes; poetic flow.

Recebido em: 08/10/2023

Aprovado em: 01/12/2023